

Um panorama sobre a Sociologia do Esporte: entrevista com Jean-Michel de Waele

Un panorama de la Sociologie du Sport:
une interview avec Jean-Michel de Waele

Philippe Chaves Guedon

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/FGV
philippe_guedon@hotmail.com.

RESUMO: Entrevista realizada com o Jean-Michel de Waele, professor do departamento de Ciência Política da Universidade Livre de Bruxelas, na Bélgica. O pesquisador apresenta o seu olhar sobre o campo da Sociologia do Esporte, a partir de sua perspectiva.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Michel de Waele; Sociologia do Esporte; Metodologia da Sociologia do Esporte.

RÉSUMÉ: Entretien réalisé avec Jean-Michel de Waele, professeur au Département de Science Politique de l'Université libre de Bruxelles, Belgique. Le chercheur présente son point de vue sur le domaine de la sociologie du sport.

MOTS-CLÉS: Jean-Michel de Waele; Sociologie du Sport; Méthodologie de la Sociologie du Sport.

Nesta entrevista, Jean-Michel de Waele, professor da Universidade Livre de Bruxelas, doutor em Ciência Política pela mesma instituição, apresenta o seu olhar sobre o campo da Sociologia do Esporte, a partir da sua perspectiva europeia e, mais especificamente, belga.

Waele reflete sobre os dilemas do campo, as dificuldades de produzir pesquisas e obter financiamentos na área; as potencialidades do estudo do esporte como uma janela interpretativa sobre a sociedade e contribui com discussões metodológicas, explorando as metodologias mais usuais no campo e apresentando os seus limites e vantagens.

Ao final, apresenta uma agenda de pesquisas que, segundo ele, segue inexplorada e convoca pesquisadores a se unir, em rede, de modo a fortalecer a própria produção acadêmica sobre o esporte.

A entrevista foi realizada em 02 de julho de 2021, via aplicativo de comunicação online. Apresentam-se as versões em português e francês.

* * *

Philippe Guedon: Em primeiro lugar, gostaria de agradecê-lo pela participação. Estamos honrados de ter acesso às suas percepções sobre a área de Ciências Humanas e a aproximação com o campo de estudos de esportes. No Brasil, podemos dizer que esse campo tem tido uma crescente profissionalização, com o aumento de eventos congregando pesquisadores na área e com revistas e dossiês sobre o tema. Como o senhor vê a institucionalização desse campo de pesquisa na Europa?

Jean-Michel de Waele: Olá, Philippe! Espero que você esteja bem. Portanto, quanto à primeira pergunta, acho que também na Europa relacionamentos através de redes sociais desenvolveram-se enormemente, e se desenvolveram, principalmente no mundo anglo-saxão, na Grã-Bretanha. E então, aos poucos, toda uma série de países, como a França e alguns países escandinavos também se interessaram em criar centros de pesquisa relacionados a essas questões. No entanto, as ciências sociais são obviamente muito divididas e acho que há muitas diferenças entre as ciências sociais e entre os países.

O sul da Europa é menos desenvolvido, por exemplo. Na Itália, um grande país do esporte, um grande país do futebol, há muito, muito poucos sociólogos do esporte e sociólogos do futebol. Então, realmente, seria necessário fazer uma geografia quase país por país e disciplinas por disciplinas. As situações são muito diversas. Em todo caso, o que se desenvolveu enormemente foram todas as questões de negócios, a escola de negócios, todas as questões de marketing. Em suma, tudo o que poderia ser útil para o mundo do esporte foi obviamente muito, muito encorajado. Eles receberam um financiamento significativo e há realmente todo um campo que se desenvolveu. A história, eu acho, realmente depende de um estado para outro e de quão abertos são os historiadores. A história do esporte na França se desenvolveu como na Grã-Bretanha e como na Alemanha. Acho, por outro lado, que na Europa central e nos ex-países comunistas o esporte sempre foi considerado um assunto muito sério e que também havia outras prioridades históricas nas quais trabalhar: escrever a história do futebol, basquete ou futebol na Romênia ou na Polônia. Mas, aos poucos, acho que esse

atraso está acabando e que aí também está havendo progresso. Mas as coisas são novamente muito, muito diversas de um estado para outro. A Bélgica, meu pequeno país, está muito atrás. Não tem nenhum museu do esporte ou centro de pesquisa sobre a história do esporte, nem mesmo um livro que descreva cientificamente a história do futebol na Bélgica. Temos produções de literatura cinzenta, jornalistas e material *mainstream*. Mas depende do país, existem países, grandes países do esporte. Acho que temos uma produção científica significativa, mas em muitos países ainda há muito a ser feito nessas questões. Terminando dizendo que o esporte em lugar nenhum é legitimado como um assunto sério das ciências humanas e sociais, continua sendo um assunto de segunda categoria. Isso se explica pelo fato de ser um assunto de essência popular. Todos os assuntos populares são difíceis de serem legitimados e financiados. É uma relação com o corpo, uma relação com o lúdico, com o suor. E assim, continua em todos os países onde existem centros estabelecidos em universidades, como na Grã-Bretanha, como na Alemanha. Onde temos centros estabelecidos muito poderosos, não

mudará nada para os pesquisadores que trabalham nesta área, todos continuam a ter que legitimar o esporte em todos os momentos. E quando participam de uma conferência que não está diretamente relacionada à relação entre as ciências sociais do esporte, devem sempre começar explicando, por dez minutos, por que o esporte? Por que o esporte é um assunto tão interessante? Por que este é um assunto sério? e assim por diante. Há realmente, aqui novamente, uma lacuna muito importante a ser preenchida, inclusive em sociedades onde, repito, como em Portugal, como na Itália, o esporte desempenha um papel importante na vida cotidiana, como pode desempenhar no Brasil e no Uruguai.

Dentro da área das Ciências Sociais, o senhor vê alguma resistência em relação ao tema, especialmente em detrimento de temas tidos como mais “clássicos” pela disciplina?

Então, sim, realmente ainda existe muita resistência ao estudo, mas acho que estamos progredindo. Há quinze ou vinte anos, eles eram pioneiros, eram pessoas que encontravam um novo

campo de publicação onde eles faziam as suas carreiras. Historiadores descobriam novos arquivos. Nós encontrávamos algo novo. Mas um tempo depois, as resistências ainda, como eu disse, continuam aqui. Esse não é um assunto sério e o que é difícil, é o que eu falei, além do negócio e uma parte das políticas públicas esportivas, além disso, o resto parece mesmo ser uma forma, um jeito dos torcedores de futebol ou de basquete saciarem a sua paixão sob o relato da pesquisa científica. Mas nós fizemos progresso, isso é inegável. Existem centros, existem publicações em revistas, existem conferências. Eu acho que, pessoalmente, não devo discutir sobre os interesses. Ainda é uma ideia pronta hoje: meu Deus, que interessante, o esporte é rico. Mas, entretanto, se as comissões que têm de financiar projetos de pesquisa tiverem de escolher um tema entre questões de gênero na construção europeia e nas relações internacionais, e em questões de ciência política, sempre serão os temas sérios que serão escolhidos, como o direito constitucional, os partidos políticos, tudo isso. A ascensão dos populismos, mesmo que já existam 6 milhões de livros sobre a ascensão dos populismos. Para ter um financiamento, para apresentar um projeto, os

freios ainda estarão lá de qualquer maneira. Então aí está, Nicollet disse que, isso é muito interessante, as fontes de financiamento são difíceis porque o próprio mundo do esporte é um mundo que não está interessado na pesquisa. Por quê? Porque a pesquisa obviamente implica um ângulo crítico. E o mundo dos esportes odeia críticas. A análise está obviamente ligada a questões sociais, questões de gênero, questões políticas. Todas as coisas que o mundo oficial do esporte odeia. E assim o mundo do esporte que, no entanto, tem muito dinheiro, não financia pesquisas que lhe poderiam ser úteis e prefere financiar apenas questões relacionadas com marketing ou negócios ou com a imagem dos jogadores. Mas tudo isso para poder rentabilizar melhor o seu dinheiro. Então, é claro, alguns estão financiando alguns projetos sobre o papel do esporte na pesquisa, na reinserção social das pessoas com deficiência. Mas é só para ter a consciência limpa. Além disso, é interessante ver que a UEFA distribui bolsas de pesquisas, a FIFA, que a UEFA criou uma universidade quase própria e assina acordos com as suas próprias universidades, e com outras certas universidades. Bem, nós podemos obviamente,

fazer a pergunta: não são essas organizações, com todos os problemas que conhecemos, que decidem financiar tal e tal projeto? Então eles confiam isso a certos acadêmicos. Mas, obviamente, acadêmicos que dependem de financiamento dessas mesmas organizações não são, embora sejam ótimas pessoas e publiquem algumas coisas interessantes. Mas, finalmente, uma dependência de meios financeiros que significa que não existe a mesma liberdade acadêmica para escolher os temas que seriam talvez mais protestantes, mais originais ou mais inquietantes.

Na Bélgica, assim como no Brasil, há um amor especial em relação ao futebol. Esse “amor” é refletido no número de produções e debates acadêmicos sobre o tema?

Acho difícil comparar o amor pelo futebol entre os dois. Ainda acho que o papel do futebol no Brasil e o lugar do futebol na sociedade brasileira são claramente mais importantes do que o lugar do futebol na sociedade belga. Não temos tempo para voltar a isso. Acho que não podemos fazer uma grande comparação agora. Na Bélgica, o número de produções

acadêmicas sobre o assunto é extremamente baixo. Acho que posso dizer modestamente que sou o único belga de língua francesa, então a Bélgica de língua francesa para nossos amigos brasileiros é muito pequena. Há 4,5 milhões de falantes de francês na Bélgica. A Bélgica tem 11 milhões de pessoas. Digamos que há 4,5 milhões de falantes de francês e o restante são falantes de holandês. Mas isso não é nem uma cidade no Brasil, a Bélgica francófona não seria uma grande cidade brasileira. Mas na Bélgica francófona, eu sou o único interessado nessas questões. Muitos colegas têm muitas opiniões. Conhecemos colegas que têm opiniões sobre tudo, sobre o que aparece na televisão, sobre o Irã, sobre os Estados Unidos, sobre o esporte, sobre as mulheres, sobre o meio ambiente e os colegas que tentam organizar as conferências, que tentam fazer pesquisas, que estão em contato com o exterior e que publicam livros e revistas na Bélgica francófona. Eu sou o único que pode ser considerado dentro meu campo de pesquisa na língua holandesa. A situação é um pouco melhor ao nível do marketing e dos negócios, mas não ao nível da sociologia do esporte, da identidade política dos adeptos e do

papel social do esporte. Não há colegas que falam holandês que trabalhem nesses assuntos. O atraso na Bélgica é considerável. E é muito difícil, claro, construir algo porque estou sozinho. É muito difícil até dentro do meu centro de pesquisa, mesmo que haja doutorandos fazendo teses sobre futebol no Egito e sobre a relação entre futebol e política no Egito e na Rússia. E depois, eles estarão trabalhando na Rússia de forma rápida. A Bélgica está muito, muito atrasada. Bem, isso se explica também, eu acho, por nossa identidade nacional muito fraca, ou seja, em outros países as conquistas esportivas são destacadas e há orgulho nacional, os atletas que tiveram grande sucesso são adorados pela população, são muito respeitados. Na Bélgica, a identidade nacional, por razões históricas, é muito fraca. Nós temos um ciclista de corrida, Eddy Merckx, que é considerado o melhor ciclista de corrida de todos os tempos, competiu principalmente nos anos setenta. Bem, ele obviamente continua hoje uma personalidade importante, mas agora, não temos essa necessidade de trabalhar cientificamente sobre ele e, a propósito, o verdadeiro problema é que são trabalhados somente os ídolos do futebol belga. Nós deveríamos ser

capazes de publicar coisas críticas e criticar os Red Devils no futebol. Aí está, é realmente uma missão muito, muito complicada. Esta missão é mais complicada porque, como não existem muitos centros de pesquisa, não podemos conduzir um debate científico sobre a Bélgica estar muito, muito atrasada. Posso dizer que estou com idade avançada para continuar com as minhas pesquisas, posso dizer que estou meio que no fim da minha carreira e posso dizer que será um dos meus maiores fracassos, certamente, ter sido incapaz de criar um centro de pesquisa sobre esporte na Bélgica francófona. Posso dizer que me dou muito bem com meus colegas de língua holandesa que não estão apenas interessados em questões econômicas. E percebo que estamos terrivelmente atrasados quando vejo na internet o que se pode publicar no Brasil.

Como o senhor descreveria a sua aproximação com o tema? Afinal, por que decidiu estudar esportes, como um dos seus temas de pesquisa?

Como decidi trabalhar no esporte? Eu não quero ser muito longo porque não é uma vida muito interessante, uma vida pessoal ou crescimento pessoal. Decidi trabalhar com o esporte lendo vários livros publicados em francês. Há um excelente antropólogo, Christian Bromberger, um antropólogo que publicou uma série de livros sobre o elo lógico do esporte e dos torcedores. Eu li esses livros e tive uma espécie de revelação. Já me interessava muito por futebol e acho isso descuidado. Não tenho certeza de que esta seja uma boa escolha. Eu aprofundi a minha paixão pelo futebol, transformei a minha paixão pelo futebol em trabalho. Eu estava passando por muitas coisas, me fazendo perguntas. Eu lia livros e disse a mim mesmo que eu tinha que trabalhar nisso. Você realmente tem que gostar do que faz, porque você começa a assistir aos jogos de futebol como sociólogo, antropólogo, cientista político, como mulher do futebol. Isso é, a propósito, uma das minhas dificuldades de montar um centro de pesquisas. Eu tive colegas na minha universidade que eram apaixonados por futebol, mas que diziam: « Eu não quero trabalhar com isso, porque quando eu assisto uma partida de

futebol, eu assisto uma partida de futebol. Eu não quero fazer direito, eu não quero fazer sociologia. Se eu trabalhar com isso, eu vou estragar a minha paixão pelo futebol, vou estragar a emoção que sinto ao assistir as partidas ». E isso é verdade, então não existem muitas pessoas que trabalham com isso. Comecei a fazer coisas e tive sucesso. É preciso ser muito modesto porque, como dizemos em francês, no reino dos cegos, os caolhos são reis. Eu estava sozinho. Foi muito difícil ter um pouco de sucesso. Conheci Christian Bromberger, que me incentivou muito e construí uma rede internacional. E foi assim que a aventura começou. Mas repito, no meu caso é mais uma aventura pessoal e individual do que a construção de um centro de pesquisa onde haveria toda uma série de pesquisadores trabalhando no assunto. O que me interessa fundamentalmente é que existem muitos assuntos. Obviamente, acho que o futebol é um revelador extraordinário de nossa evolução social. Acho que o futebol não cria nada, não é o futebol que cria a violência, não é o futebol que cria a homofobia, não é o futebol que cria o racismo e a extrema direita. Mas o futebol revela relações sociais, revela a relações entre nações. Enquanto falamos,

temos a Copa América e o Euro acontecendo. As relações entre França e Suíça, França e Bélgica, Alemanha, Inglaterra, revela todos os estereótipos ou visões de nações, todas as identidades locais de uma forma bastante extraordinária. O que realmente me interessa é a questão da identidade. Como os torcedores têm uma identidade? O futebol fala sobre nossa sociedade? Eu acho que há muitas caixas pretas, muitas coisas para explicar. Podemos explicar porque o futebol é o esporte rei ? Por que o futebol é o esporte que se consolidou como o esporte mais globalizado? Podemos explicar como a globalização do futebol também permite uma localização do torcedor? Em algum lugar, a globalização do futebol obriga os torcedores a torcerem pelo seu time local ou seu país. Eu acho que não há dificuldade, eu penso. Existe uma caixa preta, uma incógnita sobre a qual devemos trabalhar a identidade futebolística e como ela se constrói. E por que não podemos mudar de time? Por que permanecer sempre torcendo pelo mesmo clube? Nós não temos escolha. Estou muito interessado em tentar entender por que uma criança de sete anos, que decide torcer para um clube de futebol, não percebe que esta é provavelmente a única

escolha que terá para o resto da sua vida. Pode ser que ela depois de um tempo não se interesse mais por futebol, mas é certo que ela não vai mudar de time. Sabemos, como já foi dito repetidamente, que podemos mudar nossa opinião política durante a vida, podemos trocar de religião, podemos mudar de emprego, podemos mudar nossa nacionalidade, podemos mudar de sexo, podemos mudar nossa filosofia de vida, podemos mudar de emprego, podemos mudar em tudo. Mas quando a gente torce para o Santos, para o Grêmio, e na Europa, se torcemos para o Liverpool, não vamos um dia levantar e dizer: ei, vou torcer para o Everton. E se eu sou um torcedor da Juventus na Itália, continuarei a ser torcedor da Juventus. Não vou acordar um dia e dizer finalmente, sou do AC Milan. Não é possível. Podemos perder o interesse por futebol, mas não mudaremos de time. Mesmo que os dirigentes do clube sejam horríveis, que não correspondam à nossa visão de mundo, à nossa ideologia, à forma que gostaríamos que o clube fosse administrado. Então, aí está, perguntas interessantes sobre a identidade, a relação com a identidade coletiva e nossos caminhos individuais, que me fascinam. Além disso,

porque o futebol hoje é uma grande ferramenta que, pelo menos na Europa, nos permite dizer que somos belgas, italianos e espanhóis. São os únicos momentos em que existem nações. São os únicos momentos em que existem cidades, nós somos de Paris, de Marselha, de Milão e de Roma. É assim que as identidades locais e a globalização se encontram, são assuntos que me interessam muito. E eu gostaria de trabalhar no futuro, acho, sobre dois tipos de trabalhadores do futebol sobre os quais nunca falamos o suficiente, e um deles são os árbitros. Acho que há um buraco negro na literatura dos árbitros. Quem são os árbitros? Quais são os tipos de árbitros? Como comparar em diferentes países? Os árbitros são treinados, considerados e o que explica os árbitros voluntários? Porque sem arbitragem não há esporte. E o que explica por que as pessoas em todo o mundo se levantam muito cedo nos fins de semana para arbitrar por somas muitas vezes irrisórias, jogos infantis? E então, qual é a figura do árbitro? Sua autoridade e a evolução da arbitragem, a chegada do vídeo, a profissionalização de árbitros, árbitros nos mesmos países. O que esperamos dos árbitros? Este é um assunto no qual irei trabalhar. O outro

assunto que vou trabalhar é sobre treinadores. Acho que trabalhamos muito, muito pouco sobre treinadores e muito sobre jogadores e sobre hooligans. Acho que tentarei dar uma tipologia de treinadores, falar sobre a formação dos treinadores, o papel dos treinadores, a profissionalização dos treinadores e o caminho do futebol amador ou esporte amador até esporte profissional. E também sobre o papel das treinadoras e outras questões que considero muito, muito interessantes.

O cientista social apresenta um olhar diferenciado em relação a qualquer tema que envolve o ser humano. Segundo a sua percepção, qual é a especificidade do olhar do cientista social sobre o esporte ?

Acho muito difícil responder a essa pergunta. Porque para falar a verdade, a noção da sociologia do esporte e a construção da disciplina é muito fraca, muito frágil. Penso que a sociologia é uma ciência que está em crise pela diversidade dos seus assuntos. O que ainda une os que o fazem a sociologia da vida, a sociologia das prisões, a sociologia do esporte e assim por diante? São apenas os métodos? Os tópicos são tão diferentes

que acho que realmente não há nada. É difícil pensar que a institucionalização é a única coisa que vos une. Na verdade, é o seu objeto de estudo e vejo que, a pergunta é excelente porque justamente, o que me impressiona, é que tenho a impressão de que essa é a força e a fraqueza. Mas não sou sociólogo. Sou um cientista político, mas se digo que faço sociologia política do esporte e do futebol, os jornalistas que me entrevistam me falam : “Como devemos colocar ? professor de ciência política?. Os jornalistas e leitores não vão entender porque você está sendo entrevistado se eu colocar sociólogo do esporte. Não soa bem. Meus colegas sociólogos me enviam e-mails dizendo que eles não possuem uma tese em sociologia. É como se não pudéssemos fazer sociologia política. E isso é o que me impressiona muito, é que cada vez mais, nas conferências que eu organizo e nas quais participo, não sei se no Brasil é a mesma coisa, seria muito interessante comparar isso. É que as conferências, as resenhas são cada vez mais multidisciplinares. Eles organizam conferências de história do esporte com coisas muito interessantes em termos de história e marketing, negócios também, e outras disciplinas. Eles são sociólogos,

cientistas políticos e antropólogos. É uma disciplina muito multidisciplinar, que é o seu ponto forte, mas também um pouco a sua fraqueza, porque não promove nem a sua institucionalização nem, eu acho, debates teóricos. Não existe uma teoria da sociologia e há muito poucos teóricos da sociologia do esporte. Existem teóricos da sociologia do trabalho, e obviamente existem teóricos de outras áreas. Seria muito difícil dizer quais são os teóricos internacionais. Existem autores, claro. Dizemos para nós mesmos: Ok, existem autores para o meu site, mas como sociólogo, há uma visão geral aqui. O esporte traz algo para a sociologia? Não tenho certeza, mas não acho que nossos colegas e nós mesmos que devemos ser culpados por isso. Eu realmente acho que existe de tudo, até a questão de o que é sociologia hoje. Como na ciência política, podemos ver que quanto mais a disciplina da ciência política se especializa, mais difícil é fazer as pessoas dialogarem. Porque é só isso que é necessário. As pessoas quem fazem ciência política e relações internacionais está no mesmo laboratório, no mesmo departamento, na mesma faculdade ou não? Depende. Em alguns países sim, em outros países, não. Mas

você tem pessoas que fazem administração pública. Eles estão nos mesmos departamentos com todos os jogos de poder e cada um está tentando se legitimar. Então, eu acho que as ciências humanas e sociais, em algum lugar enquanto estão se desenvolvendo, se especializando, estão fragmentadas e será difícil ter teorias gerais. Acho que não estamos mais na época. Sem dúvida que o último sociólogo ou um dos últimos sociólogos a tentar ter uma influência geral foi Bourdieu. Não vejo no esporte quais seriam as três ou quatro escolas assim. Pode-se dizer que é uma contribuição para a sociologia, mas trabalhamos o esporte, como exemplo.

Recentemente, a área das Ciências Sociais tem sido demandada por refinamentos metodológicos. Como o senhor descreveria esse fenômeno no cenário europeu?

Sim, obviamente, todos estamos sujeitos a pedidos de melhoria em nossas disciplinas, acho que há um momento em que temos que parar de repetir o que sabemos. Acho que também há assuntos que são muito pequenos e foram muito estudados. Estou me referindo ao partidarismo e ao hooliganismo. Eu

acho que há uma abundância de literatura sobre esses temas e que é muito difícil, com todos esses estudos de caso, de fazer uma subida na generalidade, de fazer uma teorização ou mesmo de fazer uma tipologia. Porque eu acho que a grande fraqueza pra mim, a fraqueza fundamental, sabendo bem também que está incluído no preço do artigo, porque faz parte da entrevista ou porque essa é a minha luta, é que falta uma análise comparativa. E tenho feito isso como um paliativo político desde o início e acho que isso é necessário. Se quisermos compreender os fenômenos sociais, precisamos compará-los. Então, obviamente, isso leva muito tempo. Temos que construir redes, temos que usar a mesma metodologia para poder comparar as mesmas coisas, seguindo os mesmos critérios, claro, mas acho que meus colegas franceses, meus colegas ingleses, o que posso ler dos colegas brasileiros, é sobre o Brasil, é sobre a França, é sobre a Suíça, é sobre... É sempre muito interessante. Obviamente, esses são estudos de caso e, às vezes, estudos de caso comparados entre várias equipes do Brasil, vários times da França, etc. Mas o autor ou os autores pensam então que as especificidades do caso

brasileiro, do caso francês ou dos casos estudados, acontecem em outros lugares também, ao passo que se compararmos, nos damos conta que talvez, as especificidades não são de jeito nenhum as mesmas e que talvez as pessoas que trabalharam no esporte, no futebol comparadas as outras sejam muito mais diferentes, porque perceberiam que a originalidade de seu caso nacional não está onde eles pensam que esteja, que aquilo que pensaram ser específico para o seu caso, na verdade, é verdade em todos os principais países do futebol e, portanto, o que é especificamente alemão, brasileiro, italiano pode estar em outro lugar. E assim, acho que o próximo passo para a sociologia do esporte é a comparação e, obviamente, os historiadores sempre foram muito, muito difíceis de comparar, porque para eles, obviamente, é a história da França, a história do Brasil, a história da Bélgica. Não há nenhum país no qual eles tenham interesse em comparar. Mas acho que para os cientistas políticos, sociólogos, é extremamente importante sair dos marcos nacionais e ir para projetos de análise. Comparar, porque senão, lemos livros sobre a Itália, lemos livros sobre Portugal, e é interessante. Mas como é em outros

lugares? Isso quer dizer que, se tomar o exemplo de meus temas de pesquisa sobre identidades políticas locais, torcedores... é necessário comparar. Agora, teríamos que fazer análises em 20, 30 países com a mesma disciplina, a mesma metodologia para realmente entender o que é comum e o que é diferente e as causas do comum e as causas que produzem as diferenças. O mesmo vale para uma pesquisa sobre treinadores ou árbitros. É muito, muito impressionante ver que há tão pouca comparação nesse nível, de modo que para mim, pessoalmente, acho muito difícil entrar em contato com eles, porque perguntam em que idioma vamos fazer. As pessoas que praticam esportes nem sempre falam três ou quatro línguas. Então aí está, é obviamente complicado, isso leva muito tempo. E numa época em que todas as academias vivem no « publish or perish », é mais rápido escrever um artigo sobre a identidade do clube de futebol local ou sobre o futebol para deficientes físicos na cidade, sobre assuntos que são muito revisados do que se lançar em uma vasta busca de pesquisa por comparação. E todos nós somos submetidos a essa obrigação permanente de publicação. A outra questão é obviamente a

quantificação e matematização das ciências humanas e sociais, uma tendência vinda da América do Norte, que é uma tendência que tem, do meu ponto de vista, um fundo ideológico muito forte. Acho que podemos, sem muita dificuldade, mostrar a ligação entre essa matematização e o neoliberalismo. Infelizmente, acho que isso é necessário em todos os lugares, inclusive em outras áreas. Temos cada vez mais artigos quantitativos com regressões, com correlação. Então, eu já conduzi muitas pesquisas qualitativas, baseadas em uma série de entrevistas. Eu acho extremamente útil e é o método que eu continuo recomendando porque é preciso perceber que é o público que nós estão estudando. Sejam torcedores, jogadores, atletas, treinadores, árbitros. Um público para o qual preencher questionários de pesquisas quantitativas nem sempre é simples ou óbvio. Acho que a análise quantitativa tem a vantagem de poder, com entrevistas semiestruturadas ou não, voltar às respostas e levar em conta tabelas de elementos que estão dentro do esporte de uma forma muito, muito forte. O apoio à um time de futebol ou uma prática esportiva tem uma dimensão psicológica e emocional muito forte. Atualmente

temos um herói no futebol, os belgas fizeram uma festa quando os franceses foram eliminados.... Bem, penso que não é através da realização de entrevistas qualitativas, com uma série de testemunhos de torcedores e gestores dos meios de comunicação, que se pode ter uma melhor representação. Há certamente também análises interessantes e métodos de análise interessantes de redes sociais que são obviamente um espaço de expressão e de participação. É uma alegria para a seleção belga não jogar contra a França, é uma alegria para a seleção belga se classificar contra Portugal e ver a seleção francesa derrotada pela Suíça. As pessoas foram às ruas com buzinas e a bandeira belga para celebrar a eliminação de um país contra o qual não estávamos jogando, o que é muito, muito paradoxal. Isso diz algo sobre a relação entre os belgas e os franceses? E portanto, as redes sociais desempenharam um grande papel nisso. Acho que os colegas que analisam esse cálculo em um nível quantitativo e as coisas nas redes sociais, podem produzir coisas muito, muito interessantes. No entanto, fico um pouco desconfiado porque acho que as redes sociais são bolhas, principalmente o Twitter. O Twitter não faz

eleições. Existem milhões de pessoas que não estão no Twitter. Eu acho o Twitter um pouco chato, mas é interessante ver os torcedores mais militantes, os mais ativos, os mais comprometidos, os que gritam, que berram. Os jornalistas mais famosos usam o twitter. Mas, a exclusão digital é uma realidade e acho que quando polarizamos a pesquisa às redes sociais, acho que em parte, estudamos a nós mesmos e esquecemos um pouco que todo mundo é uma parte permanente das redes sociais. Ou em qualquer caso, sim, você pode usar redes sociais como o Facebook para postar notícias de seus filhos, para ter notícias de seus amigos. Nem todo mundo usa as redes sociais para defender uma causa, para instilar emoções futebolísticas, para acusar o treinador, o árbitro. Nem todo mundo usa as redes sociais para tentar ter o máximo de amigos possível. Então, acho que existem... é interessante estudar os efeitos das redes sociais, mas acho que também existem limites significativos e, portanto, ao meu ver, é isso o que fizemos na Bélgica, com um colega de estudos, sobre as motivações dos árbitros, onde tudo foi muito quantitativo. Pudemos enviar um questionário a todos os árbitros, incluindo todos os amadores

belgas, sobre as suas motivações para a arbitragem. Mas para mim a parte mais rica foi as entrevistas depois, que foram feitas com os árbitros, todas as perguntas que podemos fazer sobre os seus sentimentos, todas as suas emoções, todas as suas hesitações. E aqui está, parece-me que o resultado é muito, muito mais rico do que a quantificação do número da idade média do árbitro, do tempo que ele passa como árbitro por semana. Esses números, para mim, são interessantes, são úteis e para mim é o início da pesquisa. Isso ajuda a aumentar a pesquisa. Para mim, essas análises quantitativas são um meio, e não um fato.

Para encerrar a nossa entrevista, gostaria de dizer quais são os temas que mais tem sido recorrentes entre os seus pares em relação ao Esporte e as Ciências Sociais?

Eu realmente acho que as pesquisas têm sido muito importantes quando me refiro as ciências sociais e humanas. Se não levar em conta as leis, a economia, e a história, acho que a pesquisa mais recorrente é sobre o partidatismo. Como explicar essa polarização do partidatismo? Na verdade, é

partidarismo ou hooliganismo? Acho que há duas razões principais para a polarização nesse assunto. A primeira é que teve um problema social, político e de política pública com o hooliganismo e que as autoridades públicas financiaram pesquisas sobre como podemos resolver os problemas do hooliganismo, e portanto, temos uma série de pesquisas em uma série de países diferentes sobre o hooliganismo. É difícil falar sobre hooliganismo sem falar do partidatismo. Há outra razão que...muitas vezes, são os livros de partidatismo cujos apoiadores estão interessados em obter livros sobre si mesmos. E essa tendência é reforçada, em todo caso, na França e em alguns outros países, pelo fato de que muitas vezes os próprios autores são ex-hooligans em clubes de torcedores que amadureceram, estiveram na universidade, que escreveram sobre uma época de suas vidas e que eles mantiveram um relacionamento ou ainda apoiam o clube. Talvez tenham envelhecido um pouco, nem todos estão se mudando, ou são casados, ou têm filhos, ou são professores de universidade ou são pesquisadores de universidade. Mas de qualquer forma, aqui estão eles, eles conhecem este ambiente muito, muito

bem. Eles têm amigos, eles sabem que obviamente podem dar um bom relato do que eles próprios vivenciaram com essa força, mas também, claro, com essa grande fraqueza que é muitas vezes ... eu digo a eles que a sua pesquisa, a sua tese é uma terapia individual. Há um lado terapêutico em trabalhar sobre o assunto e de fato eles estão trabalhando neles mesmos. O especialista do partidário em Marselha que foi alguém que durante sua adolescência viveu tudo isso e anos depois testemunha. Ao mesmo tempo que é interessante, existem todos os limites que o tornam assim, mas foi há dez anos, é possível ter mudado? Sim. E depois, o apoio... à dificuldade, obviamente, na época dos títulos do futebol e do esporte. É porque não conheço gente que trabalhe com a sociologia do futebol, que não seja entusiasta do futebol e que não seja torcedor, o que é muito, muito diferente de outras disciplinas. Acho que essa é uma das conclusões. Talvez possamos aprender com esta entrevista. Obviamente, é um investimento para quem trabalha com esses temas. Podemos trabalhar na extrema direita e não sermos da extrema direita para isso, podemos trabalhar com muitos assuntos nas ciências humanas

e sociais sem ser um stakeholder. Já no futebol, somos pelo menos uma parte interessada porque apoiamos um clube pequeno, um grande clube, uma nação, etc. Portanto, nossos estudos são muitas vezes tendenciosos por nossas posições, às vezes são tendenciosos por essa filiação partidária que nos permite entender completamente o que é o partidarismo, a emoção, o gosto pela vitória, a decepção e a frustração. Mas devemos estar cientes de que em algum lugar, está extremamente presente ao mesmo tempo que em nossas análises, e que às vezes é difícil distinguir entre as coisas. Isso certamente é verdade para estudos de partidarismo, de hooliganismo, mas também é verdade, eu acho, para uma série de debates. Participei muito e tentei lançar uma série de reflexões sobre a reforma do futebol. Como poderíamos pensar no futebol de amanhã? Qual seria alternativa progressiva ao futebol de negócios? Um futebol mais ético? Um futebol menos desigual? Um futebol regulamentado? Organizado de outra forma que não pela busca do lucro máximo? Bem, posso ver que muito poucos economistas estão trabalhando nessas questões na Europa, e como eu disse anteriormente, nossos

colegas franceses tem como modelo apenas o modelo francês de futebol. Os colegas ingleses vêem a Premier League, os colegas espanhóis, o Calcio e não há conhecimento profundo de como o futebol pode ser organizado. Em Portugal, Dinamarca, Suécia e Uruguai, obviamente, você tem que pensar nas coisas de uma forma comparativa. E podemos ver claramente os interesses dos clubes, para o torcedor é sempre difícil de condenar seu próprio clube ou de defender medidas que regulariam o futebol, mas que talvez iriam contra os interesses do seu campeonato ou contra os interesses de seu clube. Eu acho também que essa é uma tendência absolutamente fantástica.

* * *

Dans cet entretien, Jean-Michel de Waele, professeur à l'Université libre de Bruxelles, Doctorat en science politique de la même institution, présente son point de vue sur le domaine de la sociologie du sport, de son point de vue européen et plus particulièrement belge.

Il réfléchit aux dilemmes du terrain, aux difficultés de produire de la recherche et d'obtenir des financements dans le domaine; le potentiel de l'étude du sport comme fenêtre d'interprétation sur la société et contribue aux discussions méthodologiques, en explorant les méthodologies les plus courantes dans le domaine et en présentant ses limites et ses avantages.

Au final, il présente un agenda de recherche qui, selon lui, reste inexploré et appelle les chercheurs à se joindre, en réseau, afin de renforcer la production académique sur le Sport, en général.

L'interview a été réalisée le 2 juillet 2021, via application de communication en ligne. Les versions portugaise et française sont présentées.

* * *

Philippe Guedon – Tout d'abord, je tiens à vous remercier pour votre participation. Nous sommes honorés d'avoir accès à vos idées dans le domaine des sciences humaines et de l'approche du domaine des études sportives. Au Brésil, on peut dire que le domaine des études sur le sport et les sciences sociales a connu une professionnalisation croissante, avec l'augmentation des événements rassemblant des chercheurs du domaine et avec des revues et des dossiers sur le sujet. Comment voyez-vous l'institutionnalisation de ce champ de recherche en Europe?

Jean-Michel de Waele – Salut Philippe! J'espère que tout va bien. Donc à la première question je pense qu'en Europe aussi, les relations par réseaux sociales se sont énormément développées, et se sont développées, particulièrement d'abord dans le monde anglo saxon, en Grande-Bretagne. Et puis, petit à petit, toute une série de pays la France, certains pays scandinaves se sont aussi intéressés en créant des centres de recherche liés à ces questions. Néanmoins, les sciences sociales sont évidemment très divisées et je pense qu'il y a beaucoup de différences entre sciences

sociales et entre pays. Le sud de l'Europe est moins développé, par exemple. Il est temps de se dire qu'en Italie, grand pays de sport, grand pays de football, il y a très, très peu de sociologue du sport ou sociologue du football. Donc vraiment, il faudrait pouvoir faire une géographie presque pays par pays et disciplines par disciplines. Les situations sont vraiment diverses. Ce qui s'est en tout cas massivement développé, c'est que toutes les questions de business, le business school, toutes les questions de marketing. Bref, tout ce qui peut servir au monde du sport a évidemment été très, très encouragé. Ils ont reçu un financement important et il y a là véritablement tout un champ qui s'est développé. L'histoire, je pense, dépend vraiment d'État à État et du degré d'ouverture des historiens. L'histoire du sport en France s'est développée comme en Grande-Bretagne, comme en Allemagne. Je pense par contre qu'en Europe centrale, les anciens pays communistes, le sport est souvent... à longterm été considéré comme un sujet plus sérieux et aussi qu'il y avait d'autres priorités historiques à travailler : écrire l'histoire du football, du basket ou du football en Roumanie ou en Pologne. Mais petit à petit, je pense que ce

retard se comble et que là aussi, un progrès est réalisé. Mais bon, les choses sont de nouveau très, très diverses d'un Etat à l'autre. La Belgique, mon petit pays est dans un gros retard. Pas de musée du sport ni de centre de recherche sur l'histoire du sport, ni même un livre qui ferait de façon scientifique l'histoire du football en Belgique. Nous avons des productions de littérature grise, de journalistes et des choses grand public. Mais selon les pays, il y a des pays, les grands pays et les grands pays de sport. Je pense qu'on a une production scientifique importante, mais il reste encore dans beaucoup de pays, beaucoup à faire sur ces questions-là. Je terminerai pour dire que aussi ma foi, le sport, n'est pas, n'est nulle part encore légitimée comme un sujet sérieux de sciences humaines et sociales, ça reste un sujet de seconde zone. Ça s'explique par le fait que c'est un sujet d'essence populaire et tous les sujets d'essence populaire sont difficiles à se faire légitimer, à se faire financer. C'est un rapport au corps, rapport au ludique, à la sueur. Et donc, ça continue là, dans tous les pays que l'on est des centres établis dans les universités, comme en Grande-Bretagne, comme en Allemagne, où on a des centres établis fort

puissants, ça ne change rien pour les chercheurs qui travaillent sur ce domaine continue tout de même à devoir en permanence légitimer le sport. Et quand il participe à un colloque qui n'est pas directement lié à un rapport entre sciences sociales des sports doivent toujours commencer pendant dix minutes à expliquer pourquoi le sport ? Pourquoi le sport est un sujet intéressant ? Pourquoi cette est un sujet sérieux et ainsi de suite. Il y a vraiment, là encore, un retard véritablement important à combler, y compris dans les sociétés où, je le répète, comme au Portugal comme en Italie, où le sport joue un rôle au quotidien massif, comme il peut le jouer au Brésil ou en Uruguay.

Au sein du domaine des Sciences Sociales, voyez-vous des résistances au sujet, notamment au détriment des sujets considérés comme plus « classiques » par la discipline ?

Donc, oui, il y a vraiment beaucoup de résistance à l'étude, c'est à dire que je pense que l'on progresse. Il y a 15, 20 ans, c'était vraiment des pionniers, c'était des personnes qui trouvaient aussi un nouveau champ de publication où elle faisait sa

carrière et faisait leur carrière. Les historiens, en découvrant de nouvelles archives. On trouvait quelque chose de nouveau. Mais un temps après, les résistants sont, comme je l'ai déjà dit, toujours bien là. Ce n'est pas un sujet sérieux, et ce qui est difficile, c'est que je l'ai dit, à part le business et une partie de politiques publiques du sport. À part ça, le reste apparaît véritablement comme une espèce, une façon pour des fans de foot ou des fans de basket de s'adonner à leur passion sous le compte de la recherche scientifique. Mais on a fait des progrès, c'est indéniable. Il y a des centres, il y a des revues et il y a des colloques. Je vois bien que je ne dois personnellement moins argumenter sur l'intérêt. C'est quand même une idée aujourd'hui toute faite. Mon Dieu, comme c'est intéressant, le sport ah comme c'est riche. Mais en attendant, si les commissions qui doivent financer les projets de recherche ont à choisir un sujet sur des questions de genre, sur la construction européenne, sur les relations internationales, enfin sur les questions de science politique, ce sont toujours... seront toujours les sujets sérieux, le droit constitutionnel, les partis politiques, voilà tout ça. La montée des populismes,

même si tu as 6 millions de livres sur la montée des populismes, pour avoir un financement, pour déposer un projet. Les freins auront quand même sont quand même bien là. Alors voilà, Nicollet disent que c'est très intéressant. Mais les sources de financement sont difficiles parce que le monde du sport lui-même est un monde qui n'est pas intéressé du tout par la recherche. Pourquoi ? Parce que... parce que... parce que la recherche sous-entend évidemment un angle critique. Et le monde du sport déteste la critique. L'analyse est évidemment liée à des questions sociales, des questions de genre, des questions politiques. Toutes choses que le monde officiel du sport déteste. Et donc le monde du sport, qui pourtant a énormément d'argent, ne finance pas les recherches qui pourraient lui être utiles et préfère uniquement financer des questions liées au marketing ou au business ou aux images des joueurs. Mais tout ça dans le but de mieux pouvoir rentabiliser leur argent. Alors, certes, certains financent quelques projets sur le rôle du sport dans la recherche, dans la réinsertion sociale pour les handicapés. Mais c'est vraiment pour se donner une très bonne conscience. Et d'ailleurs, il est

intéressant de voir que l'UEFA à la FIFA donne des bourses de recherche, que l'UEFA a créé sa quasi propre université ou signe des accords avec leurs propres universités, avec certaines universités. Bon, on peut. On peut évidemment se poser tout de même la question est ce que ce n'est pas ces organisations-là, avec tous les problèmes que l'on connaît, de décider de financer tel ou tel projet ? Alors il confie ça à certains académiques. Mais évidemment, les académiques dépendant du financement de ces mêmes organisations ne sont pas, même si ce sont des gens très bien et publient des choses intéressantes. Mais enfin, une dépendance sur les moyens financiers qui fait qu'il n'y a pas la même liberté académique de choisir les sujets qui seraient peut-être plus contestataires, plus originaux ou plus dérangeants.

En Belgique, comme au Brésil, il y a un amour particulier pour le football. Cet «amour» se reflète-t-il dans le nombre de productions académiques et de débats sur le sujet?

Donc quant au Brésil et en Belgique, il y a l'amour du football. Je pense que même que c'est difficile de comparer l'amour du football entre les deux. Je pense quand même que le rôle du football au Brésil et la place du football dans la société brésilienne est nettement plus importante que la place du football dans la société belge. On n'a pas le temps d'y revenir. Je ne pense pas qu'on peut se lancer dans une grande comparaison maintenant. En Belgique, le nombre de productions académiques sur le sujet est extrêmement faible. Je pense pouvoir dire modestement que je suis le seul Belge francophone. Alors la Belgique francophone pour nos amis brésiliens, c'est tout petit. Il y a 4 millions et demi de francophones en Belgique. La Belgique, c'est 11 millions de personnes. Disons qu'il y a 4 millions et demi, 5 millions de francophones et que le reste, ce sont des néerlandophones. Mais donc ce n'est même pas une ville au Brésil, donc ce n'est pas une grande ville brésilienne, la Belgique francophone, mais en Belgique francophone, je suis le seul à m'intéresser à ces questions-là, alors plein de collègues ont pleins d'avis. On connaît bien les collègues qui ont des avis sur tout, qui passent à la télévision, sur l'Iran, sur les Etats-

Unis, sur le sport, sur les femmes, sur l'environnement et des collègues qui essayent d'organiser les colloques, qui essayent de faire de la recherche, qui sont en contact à l'étranger et qui publient des livres, des revues en Belgique francophone. Je suis le seul dont on peut dire que c'est mon terrain de recherche du côté néerlandophone. La situation est un peu meilleure au niveau marketing et business, mais pas du tout au niveau sociologie du sport, identité politique des supporters et au rôle social du sport. Il n'y a pas de collègues néerlandophones qui travaillent sur ces sujets-là. Le retard en Belgique est considérable. Et c'est très difficile, évidemment, de construire quelque chose parce que je suis plutôt seul. Mais c'est évidemment très difficile. Et même à l'intérieur de mon centre de recherche, même s'il y a des doctorants qui font des thèses sur le football en Egypte et rapport football et les politiques en Egypte ou en Russie. Très rapidement après, ils vont travailler sur la Russie. Ils vont travailler sur l'Egypte parce qu'il n'y a pas de chair destinée à donner cours et donc sourcées sur des sujets de sport. La Belgique a un très, très gros retard. Bon, ça s'explique par, je pense aussi, notre très faible identité

nationale, c'est-à-dire que dans d'autres pays les exploits sportifs sont mis en avant et il y a une fierté nationale, les sportifs qui ont eu des grands succès sont adulés par la population, sont très respectés. En Belgique l'identité nationale, pour des raisons historiques, est très faible. Et si les personnes, évidemment, on a un coureur cycliste Eddy Merckx, que tout le monde dit être le meilleur coureur cycliste de tous les temps, a surtout couru dans les années septante. Bon, il reste évidemment aujourd'hui une personnalité importante. Mais voilà, on n'a pas ce besoin de travailler scientifiquement et d'ailleurs le vrai problème, c'est qu'ils sont travaillés sur les idoles du football belge. On devrait aussi pouvoir publier les choses critiques, et critiquer les Diables rouges en football. Voilà, cette mission est vraiment très, très compliquée. Cette mission d'autant plus compliquée que comme il n'y a pas plusieurs centres de recherche, on ne peut pas mener un débat scientifique donc vraiment la Belgique est très, très en retard. Je pourrais dire moi qu'avance dans l'âge de ma recherche, moi qui suis plutôt en fin de carrière. Je pourrais dire que c'aurait été un de mes échecs, certainement, c'est d'avoir été incapable

de monter un centre de recherche sur le sport en Belgique francophone et que je m'entends très bien avec mes collègues néerlandophones qui ne sont pas intéressés uniquement par des questions économiques et que dès lors, on est terriblement en retard. Et quand je vois sur Internet ce qui peut publier au Brésil, voilà.

Comment décririez-vous votre approche du sujet? Après tout, pourquoi avez-vous décidé d'étudier le sport comme l'un de vos sujets de recherche?

Comment est-ce que je suis décidé à travailler sur le sport ? Je ne veux pas être trop long parce que bon, ce n'est pas très intéressant la vie ou la vie personnelle ou les évolutions personnelles. Je me suis décidé de travailler sur le sport en lisant un certain nombre d'ouvrages parus en français. Il y a un excellent anthropologue, Christian Bromberger, anthropologue qui a publié toute une série d'ouvrages sur l'entrepôt logique du sport les supporters. J'avais lu ces ouvrages et j'ai eu une espèce de révélation. J'étais déjà fort intéressé par le football et je trouve de façon bâclée. Je ne suis pas sûr que dans la vie personnelle

privée, c'est un bon choix. J'ai envahi ma passion footballistique, ma passion footballistique dans le travail. Je vivais des tas de choses me poser des questions. J'ai lu des ouvrages et je me suis dit il faut travailler là-dessus. Il faut vraiment travailler pour cet oubli parce qu'alors on regarde les matches de football plus en tant que sociologue, anthropologue, politologue, en tant que femme de foot. C'est d'ailleurs une de mes difficultés pour monter un centre de recherche que j'avais des collègues dans mon université et qui sont passionnés par le football mais qui dit : moi, je ne veux absolument pas. Car quand je regarde un match foot, je regarde un match de foot. Je ne veux pas faire du droit, je ne veux pas faire de la sociologie. Si je commence à travailler dessous, je vais gâcher ma passion. Je vais gâcher mon émotion et ce qui est vrai. Donc voilà. Il n'y avait plus grand monde qui travaillait sur le sujet. Je me suis mis à faire des choses. Ça a rencontré un certain succès. Il faut être très modeste parce que, comme on dit en français, au royaume des aveugles, les borgnes sont rois. J'étais tout seul. C'était très difficile d'avoir un petit succès. J'ai rencontré Christian Bromberger, qui m'a beaucoup encouragé et j'ai

construit un réseau international. Et voilà comment l'aventure a commencé. Mais je le répète, ça reste dans mon cas plutôt une aventure individuelle personnelle que la construction d'un centre de recherche où il y aurait toute une série de chercheurs et travaillaient sur le sujet. Moi, ce qui m'intéresse, c'est fondamentalement qu'il y a énormément de sujets. Je pense évidemment que le football est un révélateur extraordinaire de nos évolutions sociales. Je pense que le football ne crée rien, ce n'est pas le football qui crée la violence, ce n'est pas le football qui crée l'homophobie, et ce n'est pas le football qui crée le racisme et l'extrême droite. Mais le football révèle les rapports sociaux, révèlent les rapports entre les nations. Au moment où on parle, il y a la Copa América et l'Euro. Les rapports entre la France et la Suisse, la France et la Belgique Allemagne, Angleterre, ça révèle tous les stéréotypes ou les visions des nations, toutes les identités locales de façon assez extraordinaire. Moi, ce qui m'intéresse véritablement, c'est cette question d'identité. Comment est-ce que des supporters portent une identité ? qu'est-ce que le football vous dit sur notre société ? Je pense qu'il y a vraiment beaucoup de boîtes

noires, de éléments à expliquer. Si on peut expliquer pourquoi le football est le sport roi, pourquoi le football est le sport qui s'est imposé comme le sport le plus le plus mondialisé ? Si on peut expliquer pourquoi la mondialisation du football permet aussi une localisation du support, quelque part, la globalisation du football oblige les supporters à soutenir leur club local ou leur pays. Je pense qu'il n'y a pas de difficulté, je pense qu'il reste même une boîte noire, une inconnue et sur lequel il faut qu'on travaille sur son identité footballistique et comment elle se construit. Et pourquoi ne peut-on pas changer de club de football ? Pourquoi restent toujours supporters du même club ? Nous n'avons pas de choix. Ça m'intéresse beaucoup d'essayer de comprendre pourquoi est-ce qu'un gamin à sept ans qui décide de soutenir tel club de football ne se rend pas compte que c'est sans doute le seul choix qu'il portera pour toute sa vie. Alors, peut-être ne s'intéresse-t-il plus au football, mais ce qui est certain, c'est qu'il ne va pas choisir le club adverse. Comme il l'a déjà été dit et redit, on peut changer d'opinion politique dans sa vie. On peut changer son rapport à la religion. On peut changer de métier. On peut changer de

nationalité. On peut changer de sexe. On peut changer de philosophie de vie. On peut changer de métier. On peut changer du tout. Mais quand on est supporté, de Santos, de Grêmio. Et en Europe, si on est supporté de Liverpool, on ne va pas un jour se lever en disant : tiens, je vais être supporter d'Everton. Et si je suis supporter de la Juventus en Italie, je vais rester supporter de la Juventus. Je ne vais pas un jour me lever en disant finalement, je suis pour l'AC Milan, ce n'est pas possible. Il y a moyen de ne pas s'intéresser au football, de ne plus s'intéresser au football. Mais on ne change pas de club, même si les dirigeants de son club sont épouvantables, horribles, ne correspond en rien à notre vision du monde, à notre idéologie, à notre façon donc on voudrait que le club soit géré. Donc voilà, il y a là, je trouve, des questions fascinantes sur l'identité et le rapport à l'identité collective et à nos parcours individuels, qui me semble que moi me passionne. Aussi, parce que le football aujourd'hui est un bel outil qui, en tout cas en Europe, nous permet de nous dire Belges, Italiens et Espagnols ce sont les seuls moments où les nations existent ou c'est les seuls moments où les villes existent, ont est de Paris, de Marseille, on

est de Milan, on est de Rome, c'est cette façon dont les identités locales et la globalisation se rencontrent, sont des sujets qui m'intéressent beaucoup. Et je voudrais travailler à l'avenir sur je pense deux types de travailleurs du football dont on ne parle jamais assez c'est les arbitres. Je pense qu'il y a un trou noir dans la littérature sur les arbitres. Qui sont les arbitres ? Quelles sont les typologies d'arbitres ? Comment acheter dans les différents pays ? Les arbitres sont formés, considérés et qu'est qu'explique les arbitres bénévoles parce que sans arbitrage, il y'a pas de sport. Et qu'est ce qui explique que des gens partout dans le monde se lèvent le weekend très tôt pour aller arbitrer pour des sommes souvent dérisoires, des matchs de gamins ? Et puis, quelle est la figure de l'arbitre ? Son autorité et l'évolution de l'arbitrage, l'arrivée de la vidéo, la professionnalisation des arbitres conformes, les arbitres dans les mêmes pays. Est que on attend la même chose des arbitres. Ça, c'est un sujet sur lequel je vais travailler. L'autre sujet sur lequel je vais travailler, ce sont les entraîneurs, je trouve qu'on travaille très, très peu sur les entraîneurs et beaucoup sur les joueurs, sur les hooligans. Je trouve que ce sont les entraîneurs

en tant que pas, les entraîneurs en tant que tel entraîneur qui est la clope par les entraîneurs avaient essayé de donner une typologie des entraîneurs, la formation des entraîneurs, le rôle des entraîneurs, la professionnalisation des entraîneurs et du foot amateur ou du sport amateur jusqu'au au sport professionnel. Le rôle des femmes entraîneurs aussi, et d'autres questions qui me semblent très, très intéressantes.

Le sociologue présente un regard différencié par rapport à tout sujet impliquant des êtres humains. Selon vous, quelle est la spécificité du regard des sociologues sur le sport ?

Je pense qu'il est très difficile de répondre à cette question-là. Parce qu'a vrai dire la notion de sociologie du sport et la construction de la discipline est vraiment très frais, très fragile, je pense que la sociologie est une science qui est en crise par la diversité de ses sujets et qu'est qu'unie encore les personnes qui font de la sociologie de vie, la sociologie des prisons, la sociologie du sport et ainsi de suite. Est-ce que ce sont uniquement des méthodes? Les sujets sont tellement différents

et donc je pense qu'il n'y a pas encore réellement. Il est difficile de penser qu'une institutionnalisation est la seule chose qui vous unit. En fait, c'est votre objet d'étude et je vois bien que, justement, la question est excellente parce que justement, ce qui me frappe, moi, c'est que j'ai l'impression que c'est la force et la faiblesse. Mais moi, je ne suis pas sociologue. Moi, je suis politologue, mais si je dis, je fais et je fais de la sociologie politique du sport et du football, et les journalistes que me interview disent : « comment il faut mettre, professeur de sciences politiques ? Les journalistes et les lecteurs ne vont pas comprendre pourquoi on vous interroge, si on met sociologue du sport, c'est nul ». Alors mes collègues sociologues m'envoient des emails en disant qu'ils n'ont pas une thèse en sociologie. C'est comme si on ne pouvait pas faire de la sociologie politique. Et c'est ce qui me frappe beaucoup, c'est que de plus en plus, dans les dans les colloques que j'organise et auquel je participe, je ne sais pas si au Brésil c'est la même chose, ce serait vraiment intéressant de comparer. C'est ce que les colloques, les revues sont de plus en plus pluridisciplinaires alors viennent des historiens, parce que c'est une discipline

constituée et qu'on voit dans les archives. Ils ont des règles. Ils ont donc que les historiens sont but... à ce qu'on peut faire des organise des colloques d'histoire du sport avec des choses fort intéressantes au niveau de l'histoire et le marketing, le business aussi. Et les autres disciplines. Je pense souvent font en tout cas en sciences humaines et sociales. C'est très pluridisciplinaire. C'est des sociologues, de politiste et des anthropologues. C'est une discipline qu'est très pluridisciplinaire, ce qui fait sa force, mais aussi un peu sa faiblesse, parce qu'elle ne favorise pas ni son institutionnalisation, ni, je pense, des débats théoriques. Il n'y a pas une théorie de sociologie et très peu de théoriciens de la sociologie du sport, il y a des théoriciens de la sociologie du travail, il y a des théoriciens évidemment de autres domaines, j'aurai très, très difficile à dire quelles sont les théoriciens internationaux. Il y a des auteurs, bien sûr. On se dit OK, il y a des auteurs pour mon site, mais c'est en tant que sociologue. Il y a là une vision générale. Est-ce que le sport apporte quelque chose à la sociologie ? je n'en suis pas certain, mais je ne pense pas que c'est que les collègues et nous même qui devons-nous mettre en cause, je pense vraiment qu'il y a aussi tout, même la

question de qu'est-ce que la sociologie aujourd'hui ? Comme en science politique, on voit bien que plus la discipline de sciences politiques se spécialise, plus il est difficile de faire dialoguer les personnes. Parce que voilà ce qu'il faut, les gens qui font de la science politique et des relations internationales est-ce qu'ils sont dans le même laboratoire, dans le même département, dans la même faculté ou pas. Ça dépend. Dans certains pays, oui, dans d'autres pays, non. Mais vous avez des personnes qui font administrations publiques. Ils sont dans les mêmes départements avec tous les jeux de pouvoir et chacun essaye de se légitimer. Donc, je pense que les sciences humaines et sociales, quelque part en se développant, en se spécialisant, si éclate et sont difficiles à avoir des théories générales. Je pense qu'on est plus du... Je pense que on n'est plus dans l'époque. Sans doute que le dernier sociologue ou un des derniers sociologues à essayer à une influence générale est Bourdieu. Je ne vois pas en sport quelles seraient les trois 4 écoles comme ça. On pourrait dire voilà l'apport à la sociologie, mais on a travaillé sur le sport comme exemple.

Récemment, le domaine des sciences sociales a été sollicité pour des améliorations méthodologiques. Comment décririez-vous ce phénomène sur la scène européenne?

Oui, évidemment, nous sommes tous soumis à des demandes d'amélioration dans nos disciplines, je pense qu'il y a un je pense qu'on a un moment où on doit cesser de répéter ce qu'on le sait. Je pense qu'il y a aussi des sujets qui ont été trop petits, trop étudiés. Je pense aux supportérisme ou l'hooliganisme. Je pense qu'il y a là abondance de littérature et que on a très difficile avec tous ces études de cas à faire une montée en généralité, à faire une théorisation ou même à faire une typologie. Parce que je pense que la grande faiblesse pour moi, mais là, la faiblesse fondamentale, sachant également bien que ce soit au prix dans l'article, parce que c'est dans l'interview ou parce que ça, c'est mon combat, c'est que nous manquons totalement d'analyse comparée. Et moi, je fais comme palliatif politique depuis le début et je pense qu'il faut. Si l'on veut comprendre les phénomènes sociaux, il faut pouvoir les comparer. Alors évidemment, ça prend beaucoup de temps. Il

faut monter les réseaux. Il faut bâtir la même méthodologie pour pouvoir comparer les mêmes choses, selon les mêmes critères, bien entendu, mais je pense que mes collègues français et mes collègues anglais, ce que je peux lire des collègues brésiliens, c'est sur le Brésil, c'est sur la France, c'est sur la Suisse, c'est sûr. Alors la grande, évidemment, c'est toujours très intéressant. Evidemment, c'est des études de cas et c'est parfois des études de cas comparées entre plusieurs équipes du Brésil. Plusieurs équipes de France, etc. Mais l'auteur ou les auteurs pensent alors que les spécificités du cas brésilien, du cas français ou des cas étudiés se situent à tel ou tel endroit, alors que si on compare, on se rend compte que peut-être, les spécificités ne sont pas du tout les mêmes et que ce qui peut être que s'il est les personnes qui travaillaient sur le sport sur le football comparé est beaucoup plus lourd, car il se rendrait compte que l'originalité de leur cas nationale n'est pas du tout à l'endroit où ils le pensent, que ce qu'ils pensaient être spécifiques de leur cas, en fait, ça se vérifie dans tous les grands pays de football et que dès lors, ce qui est spécifiquement allemand, brésilien, italien est peut-être

ailleurs. Et donc, moi, je pense que la prochaine étape pour la sociologie du sport, c'est la comparaison et évidemment les historiens ont toujours été très, très difficiles à comparer. Parce que pour eux, évidemment, c'est l'histoire de France et l'histoire du Brésil. L'histoire de la Belgique, il y en a une dont ils sont moins intéressés à comparer. Mais je pense que pour des politologues, pour des sociologues, c'est extrêmement important de sortir des cadres nationaux et d'aller vers des projets d'analyse. Comparer parce que sinon, voilà, on lit des livres sur l'Italie, on lit des livres sur Portugal et voilà, c'est intéressant. Mais comment ça se passe ailleurs ? C'est à dire que si je reprends l'exemple de mes sujets de recherche sur les identités politiques locales, les supporters, bon, il faut comparer. Maintenant, il faudrait faire des analyses sur 20 30 pays avec la même discipline, la même méthodologie pour réellement comprendre ce qui est commun et qui est différent et les causes du commun et des différences qui produit les différences. Même chose pour un projet sur les entraîneurs ou sur les arbitres. C'est très, très frappant de voir qu'il y a si peu de comparaison à ce niveau-là, donc ça moi, à titre personnel,

je pense que c'est très difficile. Les contactées, ça demande dans quelle langue on va le faire. Les personnes qui font du terrain sur le sport ne parlent pas toujours trois ou quatre langues non plus. Donc voilà, c'est évidemment compliqué. Ça prend beaucoup de temps. Et dans une période où toutes les académies vivent dans le publish or perish, c'est plus rapide d'écrire un article sur l'identité du club de foot local ou sur le football pour handicapés dans la ville. Ici révisait que de se lancer dans un vaste programme de recherche par comparaison, en comptant, bien entendu, et nous sommes tous soumis à cette obligation permanente de publication. L'autre question, c'est évidemment la quantification et la mathématisation des sciences humaines et sociales qui est une tendance venant d'Amérique du Nord qu'est une tendance qui a, de mon point de vue, un arrière-plan idéologique très fort. Je pense que on peut, sans trop de difficultés, montrer le lien entre cette mathématisation et le néolibéralisme. Malheureusement, je pense que partout cela s'impose et y compris dans d'autres domaines. On a de plus en plus d'articles quantitatif avec des régressions avec de corrélation. Donc moi, j'ai mené beaucoup

de recherches qualitatives, les recherches qualitatives basées sur une série de d'entretien, je pense que c'est extrêmement utile et c'est la méthode que je continue à conseiller parce qu'il faut quand même bien se rendre compte que c'est le public que l'on étudie. Que ce soit les supporters, les joueurs, les sportifs, les entraîneurs, les arbitres. Un public pour lequel remplir des questionnaires quantitatifs de sondages n'est pas toujours simple ni évident. Je pense que l'analyse quantitative a l'avantage de pouvoir, avec des entretiens semi directifs ou non, de pouvoir revenir sur les réponses et de pouvoir tenir compte de tables d'éléments qui sont dans le sport de façon très, très forte. Et le soutien à une équipe de football ou le fait d'une pratique sportive a un côté, une dimension psychologique très fort et une dimension émotive très forte. Nous avons pour le moment un héros du football. La fête que les Belges fait parce que les Français étaient éliminés. Bon, je pense que ce n'est pas en faisant des entretiens qualitatifs avec une série des témoins de supporters, des responsables des médias que l'on peut donner le meilleur, le meilleur rendu, il y a certainement aussi des analyses intéressantes et des méthodes intéressantes

d'analyse des réseaux sociaux qui sont évidemment un lieu où s'expriment... C'est une joie de l'équipe de Belgique qui ne joue pas contre la France, d'une équipe de Belgique qui se qualifie contre le Portugal et qui voit l'équipe de France battue contre la Suisse. Mais des gens sont sortis en rue avec les klaxons et le drapeau belge pour fêter l'élimination d'un pays contre lequel on ne jouait pas, ce qui est tout de même très, très paradoxal. Qu'est-ce dit sur les rapports, évidemment, entre les Belges et les Français ? Alors, les réseaux sociaux ont joué un grand rôle. Je pense que les collègues qui analysent ce qui se calcule au niveau quantitatif et les choses sur les réseaux sociaux peuvent produire des choses très, très intéressantes. Néanmoins, je m'en méfie un petit peu parce que je pense que les réseaux sociaux sont des bulles, particulièrement twitter et voilà Twitter ne fait pas non plus les élections. Twitter ne fait pas non plus... Il y a des millions de personnes qui ne sont pas sur Twitter et que je pense que Twitter c'est un peu nul et les personnes les plus actives. C'est intéressant de voir les supporters les plus militants, les plus actifs, les plus engagés qui sont sur Twitter, ceux qui crient, qui hurlent, les

journalistes les plus célèbres qui sont sûrs twitter. Mais voilà, la fracture numérique est une réalité et je pense que quand on polarise la recherche aux réseaux sociaux, je pense que quelque part, on s'étudie soi-même et on oublie un petit peu que voilà que tout le monde est part en permanence sur les réseaux sociaux. Ou en tout cas, oui, on peut être sur les réseaux sociaux comme Facebook pour mettre les nouvelles de ses enfants, pour avoir des nouvelles de ses amis. Mais tout le monde n'utilise pas les réseaux sociaux pour défendre une cause, mettre des émotions footballistiques, accuser l'entraîneur, l'arbitre. Tout le monde n'utilise pas les réseaux sociaux et n'essaye pas d'avoir le plus d'amis possible. Donc, je pense qu'il y a, voilà, c'est intéressant d'étudier les effets sur les réseaux sociaux, mais je pense qu'il y a aussi quand même des limites non négligeables et donc à mon point de vue est que nous avons fait en Belgique avec un collègue des études quantitatives sur les motivations des arbitres où tout ça a été très quantitatifs. Nous avons pu envoyer un questionnaire à tous les arbitres, y compris à tous les amateurs de Belgique, sur leurs motivations à l'arbitrage. Mais pour moi, la partie la plus

riche, c'est celle des entretiens après, que fait avec eux, avec les arbitres, toutes les questions que l'on peut poser pour les ressentis, toutes les émotions, toutes les hésitations. Et voilà, il me semble que le résultat est beaucoup, beaucoup plus riche que la quantification du nombre de l'âge moyen de l'arbitrage, du temps qu'il passe à arbitrer par semaine. Ces chiffres, pour moi, sont intéressants, sont utiles et pour moi, c'est le début de la recherche. Ça permet d'augmenter la recherche. Pour moi ces analyses quantitatives sont un moyen et pas un fait.

Pour clore notre entretien, je voudrais dire quels sont les thèmes qui ont été les plus récurrents chez vos pairs en relation avec le Sport et les Sciences sociales?

Je pense vraiment que les recherches ont été les plus donc si je parle en sciences sociales et humaines, si je laisse tomber le droit, si je laisse tomber l'économie, si je laisse tomber l'histoire, je pense que les recherches les plus récurrentes sont celles qu'ont touché le supportérisme. Comment expliquer cette polarisation sur le supportérisme? En fait, c'est le supportérisme ou l'hooliganisme. Je pense qu'il y a deux

raisons principales qui expliquent cette polarisation sur ce sujet-là. La première, c'est qu'il y a eu un problème social, un problème politique, un problème de politique publique avec hooliganisme et que les pouvoirs publics ont financé des recherches sur comment est-ce qu'on peut résoudre les questions de l'hooliganisme et que dont on a tout une série de recherches dans toute une série de pays ont pu être menées sur l'hooliganisme. Et puis bon, ben voilà, il est difficile de parler d'hooliganisme, sans parler du supportérisme. Il y a une autre raison qui est... c'est souvent sur les livres sur supportérisme, les supporters sont intéressés à avoir des livres sur eux-mêmes. Et cette tendance est renforcée, en tout cas en France et dans quelques autres pays, par le fait que souvent, les auteurs sont eux-mêmes d'anciens hooligans ou d'anciens ultras dans les clubs de supporters qui ont mûri, ont été à l'université et ne peut pas écrire sur eux-mêmes, écrit sur un moment de leur vie et ils ont gardé où ils sont encore en relation, ou ils vont encore ils soutiennent encore leur club, alors ils ont peut-être un peu vieilli, ils ne sont pas tous les déplacements, ils sont mariés, ils ont des enfants, ils sont

professeur à l'université où ils sont déjà chercheur à l'université. Mais enfin, voilà, ils connaissent très, très bien ce milieu. Ils ont des amis, ils savent... ils peuvent évidemment rendre bien compte de ce qu'ils ont vécu eux-mêmes avec cette force là, mais aussi, évidemment, avec cette grande faiblesse que voilà souvent je leur dis que leur recherche, leur thèse c'est une thérapie individuelle. Il y a un côté thérapeutique à travailler sur le sujet et en fait ils travaillent sur eux, le spécialiste, du supporterisme à Marseille qui a été lui-même, quelqu'un qui pendant son adolescence a vécu tout ça et puis des ans après témoigne à la fois c'est intéressant Il y a toutes les limites qui fait que oui, mais c'était il y a dix ans et qui donc peut être que ça a changé ? Oui. Et puis, le support... la difficulté, évidemment, dans les titres du football et du sport. C'est que je ne connais pas des personnes qui travaillent sur la sociologie du foot, qui ne sont pas des passionnés du foot et qui ne sera pas supporter, ce qui est très, très différent des autres sujets. Je pense que c'est une des conclusions que on peut peut-être tirer de cet entretien. C'est évidemment il y a un investissement... toutes les personnes qui travaille sur ces

sujets. Ce n'est pas comme. Voilà où on peut, on peut travailler sur l'extrême droite et on n'est pas d'extrême droite pour autant, on peut travailler sur des tas d'objets en sciences humaines et sociales sans pour autant être partie prenante. Là, en football, on est au moins partie prenante parce qu'on soutient un petit club, un grand club, une nation. Voilà donc nos études sont souvent biaisées par nos prises de position, sont parfois biaisées par cette affiliation partisane qui nous permet de comprendre bien ce que c'est que le supportérisme, l'émotion, le goût de la victoire, la déception, la frustration, là, mais qui voilà, donc nous devons être bien conscients que quelque part, c'est extrêmement présent quand même dans nos analyses et que l'on a parfois difficile à faire la part des choses. C'est certainement vrai sur les études, sur le supportérisme, l'hooliganisme, mais qui est aussi vrai, je pense, pour une série de débats. J'ai beaucoup participé à... j'ai essayé de lancer une série de réflexions sur la réforme du football. Comment est-ce que nous pouvons penser le football de demain ? Comment est-ce que... quelle était l'alternative progressiste au football business ? est-ce qu'un football plus

éthique ? est-ce qu'un football moins inégalitaire ? Est-ce qu'un football régulé ? organisé autrement que par la recherche maximum du profit était possible ? Bon, je vois bien que très peu d'économistes travaillent en tout cas en Europe sur ces questions-là et rapidement. Comme je le disais tout à l'heure. La vision en France et les collègues français n'ont comme modèle que le modèle français du football, les collègues anglais voient la Première League, les collègues l'Espagnol, le Calcio et il n'y a pas de connaissance profonde de la façon dont le football peut aussi s'organiser. Au Portugal, au Danemark, en Suède, en Uruguay, il faut évidemment penser les choses à nouveau de façon comparé. Et on voit bien alors que les intérêts des clubs, voilà que le supporter est toujours difficile à condamner son propre club ou à défendre des mesures qui régulera le football, mais qui irait peut-être contre les intérêts de son championnat ou contre les intérêts de son club. Je pense aussi que c'est un biais absolument fantastique.

* * *